

APONTAMENTOS SOBRE OS FUNDAMENTOS COSMOGENÉTICOS DO INVENTÁRIO CATEGORIAL DE CHARLES SANDERS PEIRCE

Caique Marra de Melo*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo a apresentação de apontamentos sobre os fundamentos cosmogenéticos das categorias segundo Charles Sanders Peirce. A fim de atingir uma plausível apreciação de tal objetivo, o seguinte trabalho se encontra baseado principalmente nos degraus metafísicos propostos por Ivo Assad Ibri de acordo com sua obra intitulada *Kósmos Noétos: A Arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce*, uma vez que a perspectiva deste livro caracteriza-se respeitosa ao tratamento do pensamento de Peirce sobre um necessário estado primário de pleno nada em relação ao universo (em outras palavras, puro zero), a descartar todo e qualquer tipo de condição pré-existente. Deste modo, a proeminente intenção que subjaz a esta investigação é a tentativa de estabelecimento de uma linearidade emergente concernente aos modos de ser do todo, traduzido a nós através de três modos acessíveis da experiência: primeiridade, segundidade e terceiridade. Aliado a isso, vale dizer que esta pesquisa se encontra notavelmente reforçada por renomados trabalhos como *The New Elements of Mathematics by Charles S. Peirce* e *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*.

Palavras-chave: Cosmogênese; Categorias; Peirce.

Abstract: The present article aims to report notes on Charles Sanders Peirce's cosmogenetic foundations of categories. In order to achieve a plausible appreciation of this goal, the following work is mainly based on metaphysical steps proposed by Ivo Assad Ibri according to his book entitled *Kósmos Noétos: A Arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce*, once its perspective grants respect on treating Peirce's thought about a necessary primary state of nothingness in relation to the universe (in other words, pure zero), regardless of whatsoever pre-existent condition. Therefore, the prominent intention underlying our investigation is the attempt at establishing an emerging linearity concerning the ways of being of the whole, translated for us through three accessible modes of experience: firstness, secondness and thirdness. Also, it is worth noting that this search is remarkably strengthened by renowned works such as *The New Elements of Mathematics by Charles S. Peirce* and *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*.

Keywords: Cosmogogenesis; Categories; Peirce.

1. Um breve tratamento acerca da categoria da possibilidade

Em Peirce, a primeiridade nasce como categoria fenomenológica caracterizada como um modo de ser da experiência. Há na primeiridade o que é próprio de um *continuum* de possibilidades no tocante ao seu caráter isento de segundidade fática, estabelecendo-se como qualidade de sentimento avessa a uma predicação polarizada, a espalhar-se no todo do universo enquanto

* Licenciado em Filosofia pela Faculdade de São Bento (FSB) e Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

capacidade de sentir própria a tudo que seja predicável ao âmbito de natureza mental, como compete ao seu idealismo objetivo.

A partir disso, concebe-se dentro do panorama peirciano que o pensamento não se encontra na condição de dote exclusivo dos homens, pois a conaturalidade entre mente e matéria garante que a predicação da natureza mental caiba a todos os seres capazes de normas de conduta, sejam estas muito ou pouco dialogantes com o meio experiencial.

No entanto, além desta natureza sentimental da primeiridade, Peirce vai mais a fundo e sedimenta tal categoria como também participante da constituição ontológica da realidade, denominando-a Acaso. O que estaria em sua face interior como qualidade de sentimento, por outro lado, em sua face exterior, estaria na condição de Acaso, efetivado enquanto força presente tanto na segundidade – de modo a garantir, por exemplo, a aleatoriedade do formato de uma laranjeira – quanto na terceiridade – de modo a garantir, por exemplo, variações casuísticas nos hábitos do universo.

Estando a primeiridade voltada à diversidade e pressuposta tanto na segundidade quanto na terceiridade, a primeira categoria acaba por injetar certo grau de erraticidade na terceiridade mediadora, fazendo com que a aderência entre teoria e fenômeno se encontre sujeita a inúmeras variações casuais. Portanto, “sob este aspecto, todos os modelos teóricos são, assim, considerados como de natureza probabilística, à luz de um convicto indeterminismo que caracteriza a epistemologia de Peirce” (IBRI, 2015, p. 228).

Apesar de tal “incerteza” sempre presente no critério de previsibilidade dos fenômenos, Peirce enfatiza o compromisso pragmático da razão, que implica numa mente em condição semioticamente dialogante com o mundo, sem ceder a dogmatismos que apartam o fluxo fenomenológico de uma interação conosco. Assim, o intento último do pragmatismo pode ser compreendido como uma tentativa permanente de manter a mente em constante diálogo com a experiência, repugnando cristalizações que a distanciem do objeto dinâmico.

2. A condição de fundamentação da cosmogênese peirciana: o início de tudo a partir do puro zero

Cabe à metafísica, em se tratando de uma abordagem referente aos fundamentos cosmogênicos do inventário categorial de Charles Sanders Peirce, retroceder a um estado anterior ao próprio universo, para só assim procurar a formulação de uma cosmogênese condizente a uma condição de possibilidade plausível ao inventário categorial e a todas as possibilidades engendradas no recorte espaço-temporal. Assim, a fim de esmiuçarmos tal percurso genético, pressupondo noções repetidamente presentes no pensamento peirciano – como Sinequismo, Idealismo Objetivo e Evolucionismo –, busquemos primeiramente o princípio possibilitante de todo *continuum*, dado que o primeiro não do universo (ou seja, o primeiro *alter*) já pressuporia a restrição de um primeiro e que uma ontogênese da lei, resultante categorial último – tendo em vista que a terceiridade pressupõe as outras duas categorias –, já se daria por necessidade lógica pautada numa tessitura de mediações reais.

Charles Sanders Peirce enuncia que o panorama geral do curso da lógica apresenta um processo de determinação do indeterminado, ou seja, do vago para o definido (cf. *CP*, 6.191). Tal processo se exemplifica fenomenologicamente no fato da primeiridade, sendo mera qualidade de sentimento, não pressupor nenhuma das outras categorias e, no entanto, a segundidade pressupor a primeiridade, de modo a contrapô-la, e a terceiridade, por sua vez, pressupor as duas categorias antecedentes. Do mesmo modo, por exemplo, nota-se que, em se tratando da faceta metafísica das categorias, o Evolucionismo encontra a derivação da lei a partir do acaso, evidenciando a tendência universal à aquisição de hábitos (cf. IBRI, 2015, p. 107).

No entanto, tendo em vista nossa explanação cosmogênica, levanta-se um importante alerta:

O tempo faz, da potência, ato. Mas o tempo, como a condição de possibilidade da passagem do indefinido ao definido, é em si mesmo um *continuum* e, como tal, requer que certa forma de regularidade o licite como ser. Não há tempo real sem a realidade da Lei: ambos são concomitantes (IBRI, 2015, p. 108).

Assim, torna-se crucial uma verificação genética que se anteponha até mesmo ao tempo, pois, como já se nota, este pressupõe o inventário categorial que lhe fundamenta. Afinal,

[...] o tempo é em si mesmo alguma coisa organizada, possuindo sua lei ou regularidade, de tal modo que o próprio tempo é uma parte daquele universo cuja origem estará sendo considerada. Temos, desse modo, que supor um estado de coisas anterior à organização do tempo (*CP*, 6.214).

Levantadas todas essas questões, o presente momento exige-nos uma determinação: definir a consistência do dito estado inicial compreendido enquanto condição de possibilidade do próprio universo. Tal condição, segundo Peirce, não se encontra nem num puro abstrato e, como se poderia pensar, nem sequer num estado de vazio absoluto, pois ambas as condições pressuporiam alguma coisa. Assim sendo, por conta da cientificidade genética perscrutada por Peirce, devemos partir de um estado absoluto de nada, ou seja, de um estado que nada esteja implicado, puro zero. Deste modo, tal zero puro antecede a todo primeiro (cf. *CP*, 6.217).

3. O puro zero e o quale-elemento

O zero puro, por ser o nada do não-nascido, diferentemente de algo que se opõe a um primeiro, que, por sua vez, implicaria num segundo, é, como nos diz Peirce, infinita possibilidade indefinida e ilimitada, ou seja, possibilidade sem fronteiras (cf. *CP*, 6.218). Assim, não há nenhuma derivação necessária a partir deste absoluto nada, havendo apenas irrestricção, ausência de lei.

A partir do que fora dito, levando em consideração a lógica da liberdade tão presente no pensamento peirciano, surge um fator relevante ao surgimento da primeira efetividade do universo: toda possibilidade, para não se negar enquanto possibilidade, em algum momento deve, num roupante de liberdade, se autoanular, dando a brecha necessária para o primeiro ato.

Digo que nada “necessariamente” resultou do Nada de liberdade sem limites. Isto é, nada de conformidade com a lógica dedutiva. Mas tal não é a lógica da liberdade ou possibilidade. A lógica da liberdade, ou potencialidade, é aquela que anulará a si mesma. Pois se ela não se autoanular, ela permanece completamente inútil, uma potencialidade do nada-fazer, e uma potencialidade completamente inútil é anulada pela sua completa inutilidade (cf. IBRI, 2015, p. 112).

Deu-se assim a primeira efetividade, ainda que esta não consista em nada além de “alguma qualidade” (*CP*, 6.220), sendo apenas um produto de uma inferência hipotética enquanto mera possibilidade. Tal qualidade, tendo por base a compreensão fenomenológica da primeiridade, consiste numa talidade (*suchness*) una, ou seja, que não pressupõe dualidade, sendo meramente consciência imediata (cf. IBRI, 2015, p. 113).

O passo do absoluto nada para uma potencialidade de qualidades significa, apenas, alguma determinação, algum modo do ilimitado se limitar, embora, ainda, destituída

de quaisquer traços que façam o próximo passo ser desenhado por alguma forma logicamente necessária (IBRI, 2015, p. 116).

Peirce compreenderá toda qualidade por ser uma consciência, porém, como dirá, não uma consciência desperta, mas meramente uma coisa da natureza desta, como que uma potencialidade de consciência (cf. *CP*, 6.221). Assim, Peirce chega ao termo quale-consciência, a saber, chega à noção de consciência-qualidade que será essencial ao engendramento da gênese da idealidade e ao surgimento categorial logicamente fundado.

É posto que toda potencialidade seja da natureza de um *continuum*, pois nela não se distinguem individuais e, por isso, não se encontra subsumida a uma sequência temporal, sendo mera possibilidade comprometida apenas com a presentidade (cf. IBRI, 2015, p. 114). Deste modo, tal consciência-qualidade consiste numa unidade.

A quale-consciência parece deter, assim, a unidade de um sentimento, identificando-se com a ideia de qualidade de sentimento; a consciência desse sentimento não se põe como algo distinto da qualidade o caracteriza. [...] Na medida mesma em que esta experiência de unidade é apenas presente, ela não comporta quaisquer relações binárias, seja para com o passado, seja na referência ao futuro. Disso decorre, ainda, a impossibilidade de uma relação de mediação de um terceiro, caracterizando uma conexão entre passado, presente e futuro (IBRI, 2015, p. 117).

Dito isso, Peirce faz questão de ressaltar o fato de uma unidade não consistir apenas em uma pluralidade, ou seja, não ser limitada apenas ao conjunto de individuais, afinal, estes, como Ibri aponta, não podem perfazer um *continuum*. Deste modo, compreende-se que a uma autoconsciência não bastaria o conglomerado de um feixe de hábitos, pois a esta [autoconsciência] compete o estado de centro dos mesmos à medida mesma que é compreendida em sua unidade, sendo, portanto, nela que se promove a própria síntese, e não, pelo contrário, sendo tal consciência o produto de individuais. Por conseguinte, concebe-se que “a unidade sintética precede toda operação lógica” (IBRI, 2015, p. 118).

O cérebro não mostra qualquer célula central. A unidade de consciência não é, assim, de origem fisiológica. Ela pode, unicamente, ser metafísica. Na medida em que os sentimentos têm qualquer continuidade, é da natureza metafísica do sentimento ter uma unidade (*CP*, 6.228).

Estabelecidos, portanto, o caráter absolutamente presente e a condição de *continuum* de possibilidades, avessa a qualquer dualidade, presentes nesta unidade primeira, vê-se que tal quale-consciência é inteiramente simples e, por consistir num agora que é um, e apenas um (cf. *CP*, 6.231), revela-se numa descontinuidade do tempo que pressupõe uma recusa ao necessitarismo, pois “no espaço da presentidade se engendrará o elemento novo não inscrito no passado, que, também, não faz qualquer referência ao futuro” (IBRI, 2015, p. 120). Surge, a

partir disso, uma importante ressalva peirciana: “O que é absolutamente simples deve ser absolutamente livre. [...] E, se ela não tem aspectos, nenhuma lei pode dela se apoderar”. Assim sendo, “o quale-elemento que aparece internamente como unidade, quando visto pelo lado exterior, é visto como variedade” (CP, 6.236). Assim, Peirce acaba por encontrar variedade e unidade da qualidade de sentimento como modos de ser de uma única categoria, a primeiridade.

Onde quer que a espontaneidade do acaso seja encontrada, lá existe sentimento na mesma proporção. De fato, acaso nada é senão o aspecto externo daquilo que internamente em si mesmo é sentimento (CP, 6.265).

4. Existência efetiva de qualidades, reações aleatórias e tendência eidética operativa

Vimos, resumidamente, que a partir do absoluto nada, indefinido e ilimitado, surge um *continuum* absolutamente livre por justamente ser absolutamente presente e uno. Contudo, a isso se coloca uma questão que parece estar pressuposta no problema da qualidade de sentimento vista como *continuum* generalizado (em outras palavras, *continuum* que é unidade de potencialidades): se esta qualidade, absolutamente livre e una, é senão em si e para si mesma, ela, para ser compreendida enquanto *continuum*, exigiria uma mente que a representasse, pois, como coloca Ibri, “ela não pode estar em seu estado generalizado” – ou seja, em unidade da multiplicidade do possível inerente a tal *continuum* (cf. IBRI, 2015, p. 124) – “sem a possibilidade de ser sentida” (NEM, p. 135). Além disso, se faz necessário o seguinte adendo:

Se há algum aspecto de dualidade nisto, certamente não é ainda da natureza da segundidade, mas, apenas, da distinção e não separação entre representação como consciência una e um complexo de qualidades que é a própria variedade possível (IBRI, 2015, p. 124).

Mas, levando adiante o fato de que cada complexo de qualidades a constituir a variedade possível seja uma dimensão deste *continuum*, a inviabilidade de uma representação unitária dessas possíveis dimensões conduz as qualidades que compõem tais complexos a um estado de determinação positiva de si mesmas a partir de brutais reações aleatórias (cf. IBRI, 2015, p. 124).

Colocamo-nos, então, no início do tempo. Qualidades já são possíveis. A existência efetiva se iniciou. Surgem reações acidentais. São estabelecidos diversos contínuos. Uma tendência à generalização é operativa. Não se pode, porém, ainda dizer que alguma coisa exista; muito menos alguma consciência pessoal. As reações acidentais

são puramente acidentais, não reguladas em qualquer grau pela lei; constituem o trabalho do acaso cego e brutal (*NEM*, p. 139).

Assim, a partir destas reações acidentais – meras sequências de brutalidades reativas arbitrárias, próprias, portanto, tanto à primeiridade, pelo acaso, quanto à segundidade, pela reação –, a tendência eidética operativa faz com que se formem contínuos que singularizam a dimensionalidade até então infinita, constituindo, deste modo, a terceiridade, justamente por ocorrer a substanciação de formas de regularidades gerais.

De um *continuum* de possibilidades infinitas de qualidades destacam-se singularidades que poderão ser amalgamadas em contínuos de dimensionalidade de algum modo definida. Por que se daria tal formação? Não por outro motivo senão pela tendência eidética de aquisição de hábitos; ela substanciará formas de regularidade geral, que constituem a terceiridade (IBRI, 2015, p. 126).

Dito isso, o surgimento do tempo se dará por intermédio da regularidade dos eventos que encontra seu gérmen de substanciação na tendência eidética aqui ressaltada, baseada no influxo limítrofe à continuidade perfeita: o universo tende à aquisição de hábitos.

Há uma singularidade no fluxo do tempo [...] que constitui a participação transversal do acaso no fenômeno. Assim como a formação dos contínuos se dá evolucionariamente, o tempo deverá tender, no curso da evolução, a se consumir como um *continuum* perfeito (IBRI, 2015, p. 133).

Nota-se também que há o rompimento da dualidade cartesiana, pois interioridade e exterioridade pressupõem partilha de uma natureza ideal que comunga do dito processo universal rumo à regularidade, haja vista que

Em obediência ao princípio, ou máxima de continuidade, segundo o qual devemos imaginar as coisas contínuas na medida em que o possamos, realce-se que devemos supor uma continuidade entre os caracteres da mente e da matéria, tal que a matéria nada seria senão mente que teve seus hábitos cristalizados, fazendo-a agir com um alto e peculiar grau de regularidade mecânica ou rotina (*CP*, 6.277).

Uma tessitura mental insiste, pois, em permear toda a realidade, afinal, de acordo com a filosofia peirciana, mente é tudo aquilo capaz de adquirir hábitos. Logo, o universo todo se encontra composto por idealidades passíveis de afetação tanto pelo acaso quanto pela lei, fazendo com que suas respectivas interações com segundos, em ação e reação, impliquem num feixe cognoscível de hábitos de conduta.

Referências Bibliográficas

IBRI, Ivo Assad. *A dimensão ontológica do conceito de ação na filosofia de Charles S. Peirce*. In: BROENS, M. C.; MORAES, J. A.; SOUZA, E. A. (Org.). *Informação, Complexidade e Auto-Organização: Estudos Interdisciplinares*. Campinas: Coleção CLE, 2015, pp. 223-237.

_____. *O Significado de Primeiridade em Schelling, Schopenhauer e Peirce*. *Cognitio*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 223-234, jul./dez., 2008.

_____. *The Continuity of Life: On Peirce's Objective Idealism*. In: *Peirce and Biosemiotics: A Guess at the Riddle of Life*. Vinicius Romanini; Eliseo Fernández (Eds.), Springer Dordrecht Heidelberg New York London, 2014.

_____. *Kósmos Noétos: A Arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce*. 1ª edição. São Paulo: Ed. Paulus, 2015.

PEIRCE, Charles Sanders. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Edited by Charles Hartshorne, Paul Weiss, and Arthur W. Burks. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1931-35 e 1958, 8 vols. (Fazemos referência a esta obra na forma usual: *CP* indica *Collected Papers*; o primeiro número indica o volume e o segundo indica o parágrafo. Além disso, todas as traduções da mesma referem-se às traduções presentes na obra *Kósmos Noétos* de Ivo Ibri).

_____. *The New Elements of Mathematics by Charles S. Peirce*. Edited by Carolyn Eisele. The Hague, Mouton Publishers, 1976, vol. 4. (Fazemos referência a esta obra na forma abreviada *NEM*, seguida pelo número da página correspondente ao quarto volume da edição utilizada. Além disso, todas as traduções da mesma referem-se às traduções presentes na obra *Kósmos Noétos* de Ivo Ibri).